



## MIGRAÇÕES

**Recomeço** Chegam hoje 45 refugiados que esperaram nove meses no Cairo por uma vida em Portugal. Fouad Ahmed, gestor financeiro, sírio, vem com a mulher e três filhos

# “Já sei dizer obrigado em português. Já vos posso agradecer”

Textos **RAQUEL MOLEIRO**  
Ilustração **HELDER OLIVEIRA**

Hoje, às 11h, Fouad Ahmed aterrava em Portugal. Ele, a mulher e os três filhos menores. E mais 41 refugiados sírios, eritreus e sudaneses que esperaram nove meses no Egito para a reinstalação em Portugal. Ao todo são oito famílias, 30 adultos e 15 menores, que irão viver em Lisboa, Sintra e Penela.

Fouad é de Aleppo, a segunda maior cidade da Síria, agora um monte de escombros disputado por todas as facções que alimentam a guerra desde 2011. Ele fugiu um ano depois. Era gestor financeiro de um moderno Shopping Center. O currículo que ainda permanece na internet retrata um homem sério, de bigode fino e cabelo domado a brilhantina e 15 anos de experiência no mundo financeiro. A última referência é de 2012, o ano em que aterrou no Egito e se refugiou no Grande Cairo, espécie de campo de refugiados disperso pela malha urbana degradada. O ACNUR concedeu-lhes o estatuto de refugiados e a reinstalação num país europeu. Destino: Portugal.

Em inglês, ao telefone, Fouad, contou esta semana ao Expresso a história que o traz até cá. Ao fundo ouve-se o som do trânsito caótico do Cairo. Já ficou para trás.

“Disseram-me que Portugal era um país bom para o turismo, como a Síria. Que as pessoas são simpáticas e acolhedoras, como na Síria. Na minha cabeça acredito que será como a Síria. Asseguraram-me que não havia problema nenhum em eu ser muçulmano, que aí respeitavam-se as religiões. Ficámos muito felizes com isso. Antes, de Portugal, só conhecia o futebol, o Cristiano, e que os ingleses passam o verão no vosso país. É bom saber que podemos viver em paz. Somos pessoas muito pacíficas. O que nos aconteceu não foi culpa nossa, estava fora do nosso controlo. Queremos ter um novo começo num novo país, vamos ser bons cidadãos para que nos aceitem como residentes no vosso país. Espero que sim, espero que sim. Quero ter a minha família aí, criar os meus filhos num ambiente bom, melhor que aqui no Cairo, melhor do que na Síria em guerra. Eu tenho uma mulher e três crianças, uma menina e dois rapazes. Em Aleppo era gestor financeiro do Shahba Mall. Tinha Zara, Carrefour, karting indoor. Agora é só ruínas. Foi bombardeado. Sou muito bom em contas, finanças e inglês técnico. Trabalhei na Arábia Saudita e no Kuwait. Tinha uma boa vida. Vivía na melhor zona de Aleppo. A 9 de dezembro de 2012 fugimos. Os combates e os bombardeamentos estavam cada vez mais perto da nossa casa. Só quem estava

lá é que pode perceber. O som das bombas era aterrador, aterrador. E depois, rumores de que os terroristas iam entrar na nossa casa. Apanhámos um voo para o Cairo. Aqui a vida não é fácil. Há maldade. Não somos bem-vindos. Trabalhei numa empresa de táxis. Pagavam muito pouco. Quando me disseram que ia para Portugal fiquei contente. Nunca fui dos que sonhavam com a Alemanha, eu não. Sei inglês, consigo trabalhar em qualquer lugar. Só queria um lugar seguro. Quero voltar a ser um profissional respeitado e contribuir para a prosperidade do meu novo país. Trabalhar na minha área seria ótimo. Veremos. Quem sabe se existem vagas em empresas de importação-exportação, talvez no departamento financeiro. Veremos. Disseram-me que nos vão ensinar português. Já me estou a preparar. Fiz o download do dicionário Inglês-Português. ‘Obrigado’ significa ‘thank you’, não é? Já sei dizer. Assim já vos posso agradecer. A minha família continua em Aleppo. Três irmãos, duas irmãs. Só eu consegui fugir. Agora as estradas estão cortadas. Não há comida. Não há eletricidade. Um dia gostava de voltar para a Síria mas acho que não vou voltar. Está tudo destruído. Agora quero ficar em Portugal, por muito, muito tempo.”

No aeroporto da Portela haverá uma comitiva oficial para receber os 45 refugiados. E no país está à sua espera uma enorme estrutura de apoio montada em tempo recorde pelo Grupo de Trabalho para a Agenda Europeia da Migração e pela Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR). A lembrar a canção de Sérgio Godinho, o país oferece-lhes paz, alimentação, casa, saúde e educação (ver caixas). Em dois anos, Portugal receberá 4574 requerentes de asilo. Esta semana, Itália confirmou que no fim de novembro voa para Portugal um grupo de 30 pessoas, o primeiro ao abrigo do programa de recolocação da UE. Dos 160 mil migrantes que se acumulam nas fronteiras europeias só 116 viajaram para os países de acolhimento.

Hoje começam a contar os dez meses, espaço de tempo limitado em que os ‘refugiados do Cairo’ terão apoio à integração. Depois ficarão por sua conta. “É pouco, 18 meses era o ideal”, atesta André Costa Jorge, diretor do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) que recebe hoje uma mulher da Eritreia com os três filhos e três famílias sírias que irão viver em apartamentos da Alta de Lisboa e Olaíais. O Conselho Português para os Refugiados acolhe em Sintra uma família da Eritreia e outra do Sudão. Os quatro núcleos restantes irão para Penela a cargo da Fundação ADFP, que completa hoje 28 anos. Para o aniversário agendou a inauguração do centro de acolhimento, sem saber que os utentes chegariam mesmo a tempo da festa.

moleiro@expresso.imprensa.pt

PAZ

PÃO

A guerra na Síria instalou-se há quase cinco anos, provocou 320 mil mortos, criou três milhões de refugiados. Em 2014, o Estado Islâmico espalhou o conflito até ao Iraque, fez 40 mil mortos, criou 400 mil refugiados. Na Eritreia, a ditadura governa há 22 anos, colocou metade do país abaixo do limiar da pobreza, criou 2,8 milhões de refugiados. No Sudão, conflitos étnicos permanentes associaram-se à fome para matar 300 mil pessoas e fazer três milhões de deslocados. As famílias da Síria, Iraque, Eritreia e Sudão que Portugal receberá nos próximos dois anos fazem parte destes números. Antes da partida, ainda no Egito, Grécia ou Itália, a Organização Internacional para as Migrações faz-lhes uma apresentação do país de acolhimento. E começa por lhes falar da paz vigente neste extremo ocidental da Europa. E depois da democracia que se instalou num dia sem guerra civil. E da aceitação de todas as religiões, sem discriminação ou perseguição.

Em Portugal, a comunidade islâmica, cuja religião é partilhada pela maioria dos refugiados, é tão pequena e pacífica que se torna quase invisível — calcula-se que existam 50 mil muçulmanos concentrados maioritariamente em Odivelas, Laranjeiro e Palmela. As mulheres podem usar *hijab*, o lenço que cobre a cabeça, sem limites de espaços ou locais. No início do ano, após os ataques ao “Charlie Hebdo”, em França, alguém vandalizou a Mesquita Central de Lisboa escrevendo numa das paredes e na porta principal, com *spray*, o número 1143, conotado com os neonazis. Com o crescimento do Estado Islâmico, e a confirmação da presença de jihadistas portugueses no califado, os serviços de segurança reforçaram a atenção nas zonas em que a comunidade é mais numerosa. Mas foi só.

Os refugiados terão uma Autorização de Residência por cinco anos. “Nenhum escolheu vir para Portugal. É difícil habituarem-se à ideia de que as suas expectativas não correspondem à realidade. Só no final do primeiro ano de impacto é que se vê se interiorizaram a ideia, se ficam por cá”, explica André Costa Jorge, diretor do JRS. Só então se verá se a paz foi suficiente para os conquistar.

Na primeira aula do curso de formação dos técnicos e voluntários da Plataforma de Apoio aos Refugiados, iniciado no fim de outubro, a alimentação dominou as intervenções de Abdool Vakil, presidente da Comunidade Islâmica de Portugal, e do xeque David Munir, imã da Mesquita Central de Lisboa. Não é de estranhar: em Portugal, o acolhimento faz-se invariavelmente à mesa. E aqui há diferenças que as diferenças religiosas não aceitam.

Os refugiados que vão chegar nos próximos dois anos são maioritariamente muçulmanos e recebê-los bem exige mais do que boa vontade. “Há regras”, explicam. Pode haver pão mas nada de vinho sobre a mesa, que o álcool (qualquer tipo de bebida alcoólica) é proibido pelo Islão. E comer porco também, e respetivos derivados. Vakil recorda a galinha no forno com que já o receberam, mas recheada a bacon para dar mais sabor. “Têm de estar atentos aos ingredientes. Aparece de tudo”, alerta o xeque Munir, que aconselha a leitura do Alcorão, o código de vida para os muçulmanos. Pelo menos 24 versículos referem-se a prescrições alimentares.

A carne tem de ser Halal, ou seja, quem realiza o abate tem de ser muçulmano e recitar uma reza na altura da degolação, realizada de forma a evitar a dor e o sofrimento do animal. Na grande Lisboa há talhos fiéis à lei islâmica, e até entregam ao domicílio, mas os refugiados que vão para o interior vão ter a vida culinária dificultada.

O SEF atribuiu uma verba às organizações responsáveis pelo acolhimento de refugiados para que assegurem a sua alimentação. Paralelamente, e a nível nacional, o Banco Alimentar vai reforçar os cabazes das instituições às quais já presta apoio e atender pedidos particulares de novas organizações, explica a presidente Isabel Jonet.

O movimento Refood juntou-se ao apoio alimentar destes migrantes, inserido na Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR). Com quatro mil voluntários e 21 núcleos nacionais, recolhe e redistribui os alimentos que sobram em 700 restaurantes e lojas. Por mês servem 40 mil refeições a dois mil beneficiários. Querem servi-las também aos refugiados.



## HABITAÇÃO

Se de repente a Grécia e a Itália enviassem para Portugal mil requerentes de proteção internacional, de uma só vez, o país tinha capacidade para instalá-los a todos no imediato. Cruzando a oferta mapeada pelo Grupo de Trabalho para a Agenda Europeia da Migração, pela PAR, Associação Nacional de Municípios Portugueses, União das Misericórdias Portuguesas e Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS) ainda sobriariam tetos. Isto sem contar com as centenas de ofertas de particulares, mas essas ficam, por enquanto, para segundo plano. De acordo com o SEF, que coordena em Portugal a reinstalação dos requerentes de asilo enviados pela UE, “ficarão alojados, preferencialmente em habitações próprias (autónomas), à responsabilidade da instituição que apresentar o projeto de acolhimento e integração mais completo e adequado” e que assegurará alimentação, alojamento, vestuário, transportes e despesas básicas. “O SEF procederá à distribuição com base no seu perfil e nos recursos disponíveis que melhor correspondem à satisfação das necessidades existentes”, ou seja, idade, género, habilitações literárias, agrupamento familiar, acesso ao SNS, conhecimentos linguísticos, integração em ambiente escolar e formação profissional.

“A resposta da sociedade civil foi incrível, extraordinária”, diz Rui Marques, responsável da PAR, que em dois meses conseguiu estruturar uma rede de apoio capaz de acolher 435 refugiados (86 famílias), distribuídos por 68 instituições e associações, praticamente em todos os distritos. Segunda-feira assina mais três dezenas de compromissos, que vão permitir aumentar exponencialmente a capacidade de alojamento.

“Quando lhes mostrarmos as casas damos-lhes a chave e saímos. Quando fomos ter com eles ligamos primeiro. É a casa deles”, explica André Costa Jorge, da JRS. “Eu dirijo o Centro de Acolhimento Pedro Arrupe, mas sei que colocar lá famílias era como se as institucionalizasse. Não lhes conferiria a dignidade que merecem.”

## SAÚDE

A lei é a primeira a ajudar. Concede aos refugiados o acesso ao Serviço Nacional de Saúde e a isenção de taxas moderadoras. A inscrição no centro do local de residência e a vacinação (já iniciada no primeiro país de acolhimento) fazem parte da agenda logo na primeira semana após a chegada a Portugal. Francisco George, diretor-geral da Saúde, que tem assento no Grupo de Trabalho para a Agenda Europeia da Migração, deu indicações para que seja atribuído aos refugiados, no prazo de uma semana, um número de utente e, se for exequível, um médico de família. Sabendo-se que existe um milhão de portugueses sem clínico, a tarefa não será fácil. A DGS assegura que está tudo “absolutamente preparado para respostas muito rápidas”.

Fora do sistema, no Facebook, nasceu o grupo “Apoio Médico a Refugiados”. Em um mês, Ana Correia, médica de clínica geral, conseguiu mais de 500 voluntários. Cada inscrito enviou-lhe o número da cédula e a cidade onde trabalha — agora cabe-lhe a ela traçar o mapa nacional das disponibilidades. Também a Ordem dos Médicos aderiu ao apoio. Mas não sendo necessária mais ajuda profissional — “Tão poucos refugiados não representarão qualquer sobrecarga”, garante o bastonário —, disponibilizou-se para acolher uma ou duas famílias num T4 do Fundo de Solidariedade da Ordem. “Contactámos a PAR e dissemos-lhes que seria interessante alojarmos um médico com a sua família. Apoiáramos também a integração profissional”, explica José Manuel Silva.

A PAR juntou-se ainda a associação “Mundo a Sorrir” que congrega 600 médicos dentistas no apoio às comunidades desfavorecidas em 17 distritos. E também uma empresa de terapeutas da fala (Link&Speak PT), os Paramédicos de Catástrofe Internacional ou o Serviço de Psicologia da Universidade Lusófona do Porto.

“São vítimas de guerra. Trazem sentimentos de culpa, medos, desconanças. Vão precisar de cuidados específicos”, explica Lisa Matos, especialista em acolhimento de refugiados. E ela que vai ensinar às instituições e voluntários do PAR tudo sobre “Trauma e Saúde Mental na População Refugiada”.

## EDUCAÇÃO

Basta olhar para a lista dos membros aderentes da PAR para se perceber a elevada participação de instituições educativas. A proteção do Estado português concede aos menores acesso ao sistema de ensino nas mesmas condições dos cidadãos nacionais, mas muitas foram já as entidades e empresas privadas que reforçaram a rede escolar oficial.

Na próxima semana, o Colégio São João de Brito, em Lisboa, recebe sete crianças e jovens sírios e eritreus, entre os 3 e os 14 anos, que hoje chegaram a Portugal. A Associação de Jardins-Escola João de Deus, e os seus 55 centros educativos, vão apoiar crianças dos quatro meses aos doze anos, garantindo-lhes alimentação e educação segundo a cartilha maternal. “Em Lisboa não há vagas, mas temos disponibilidade no interior, onde nos podemos associar a outras instituições. É uma oportunidade de repovoar o interior”, diz António Ponces de Carvalho, presidente da direção. A Porto Editora vai oferecer mil conjuntos de manuais para ensino de português como língua não materna, destinados a crianças e adultos.

No Superior, o Instituto Politécnico de Leiria pode integrar entre dez a vinte estudantes sírios. O Instituto Politécnico de Santarém criou uma *task force* para apoiar a inserção dos refugiados e preparou cursos específicos. A Universidade de Coimbra também se juntou à lista de disponibilidades académicas, restando adaptar a oferta ao perfil de quem chega. A Universidade do Algarve oferece-se para dar cursos de língua e cultura portuguesas.

Esta semana, a Universidade Lusófona — onde estudam atualmente 10 alunos da Global Platform 4 Syrian Students, dinamizada por Jorge Sampaio —, anunciou a criação de um gabinete de apoio à validação das competências académicas e à continuação dos estudos interrompidos pela guerra, sendo que todo o apoio e oferta escolar integrados no programa serão gratuitos.

A nível oficial, cabe à Direção-Geral da Educação, que tem assento no Grupo de Trabalho para a Agenda Europeia da Migração, ativar os trâmites a seguir em matéria de equivalência e reconhecimento de habilitações dos refugiados.





## “Disseram-me que as pessoas são boas, como na Síria”

**Fouad Ahmed, um  
dos refugiados que  
chega hoje a Lisboa,  
falou com o Expresso**

Era gerente comercial num *shopping* de Aleppo quando a guerra com o Daesh o obrigou a fugir da Síria com a família. Depois de nove meses de espera no Egito chega hoje a Portugal. E já aprendeu português para poder dizer “obrigado”. P18